

AS CONSOANTES DO PORTUGUÊS FALADO NO VALE DO CUIABÁ

Manoel Mourivaldo Santiago Almeida *

Em 1999 publiquei em *Português no Brasil: Estudos Fonéticos e Fonológicos*, também organizado por Aguilera, um ensaio sobre as vogais no falar cuiabano. Como naquele texto, neste, que trato das consoantes, continuo expondo parte da análise dos *corpora* colhidos no Vale do Cuiabá, ou Baixada Cuiabana (como quer a voz popular), Mato Grosso, para o projeto de pesquisa Filologia Bandeirante.¹

O objetivo aqui, ainda sem fazer relação com traços de uma ou mais fases do português antigo – que é o objetivo da Filologia Bandeirante –, é o de descrever o quadro das consoantes que se ouve na oralidade cuiabana.

Refiro-me ao cuiabano da “beira do rio”, com pouco ou nenhum grau de instrução e, em média, na faixa etária dos cinqüenta anos, de pais e, de preferência, avós também cuiabanos ribeirinhos: o chamado “cuiabano de chapa-e-cruz”², o cuiabano genuíno. Na verdade, essas variáveis não determinam o falante ideal ou perfeito representante do dialeto, porque, com frequência, podemos encontrar as mesmas características lingüísticas – comuns obviamente nos analfabetos, mais velhos e do interior – na expressão oral dos alfabetizados

* Professor da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

¹ Só para rememorar: Filologia Bandeirante apresenta a constituição de um projeto temático de equipe para coleta de material lingüístico acompanhado de estudos para identificação, análise e tabulação de traços pertencentes a uma ou mais fases de uma antiga língua, provavelmente preservados em localidades situadas nas trilhas das bandeiras paulistas de fins do século XVII, com repercussão ao longo do século XVIII. O objetivo é documentar e descrever aspectos lingüísticos do português falado na área indicada, propiciando aos estudiosos da língua um *corpus* cientificamente preparado para seu estudo, com a hipótese de que a língua documentada nessas regiões apresenta traços do português do tempo dos bandeirantes. O trabalho envolve quatro universidades brasileiras: Universidade de São Paulo (USP), sob a coordenação do professor doutor Heitor Megale, coordenador geral do projeto, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a coordenação da professora doutora Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen, Universidade Federal de Goiás (UFG), sob a coordenação da professora doutora Maria Sueli Aguiar e Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), sob minha coordenação.

² Dizem daqueles que nasceram (chapa) e morreram ou pretendem morrer (cruz) em Cuiabá.

de qualquer faixa etária e que vivem na cidade. Principalmente se ainda não se afastaram por longos períodos do seu meio social, seja para trabalhar, ou estudar.

Para ilustrar, aproveito aqui o mesmo exemplo dado no texto sobre as vogais. Numa mesma família observamos que os filhos até doze anos utilizam a mesma variedade lingüística de seus pais, ao passo que os acima dessa idade, que trabalham e/ou estudam há mais tempo que aqueles, só recorrem à variedade lingüística dos seus pais em situação bem familiar. Observamos também que as mulheres – até mesmo por permanecerem mais em casa do que os homens, que saem para a labuta além das fronteiras do falar local – deixam mais transparentes os traços que caracterizam o falar cuiabano.

Quanto à coleta do material lingüístico (o mesmo das vogais) utilizado neste trabalho, optamos por não empregar nenhum tipo de questionário, como é comum à pesquisa dialetológica. Os trechos analisados foram extraídos de conversas livres. Algumas delas sem a nossa participação direta. O contexto: tarde de domingo. Residência de um dos colaboradores. Amigos e familiares (re)contam histórias de vida, saboreando-as entre baforadas de cigarros de palha, acordes de viola-de-cocho³ e guaraná “relado”.

Na volta aos informantes, como pretendemos, para futuras gravações, com a finalidade de testar algum fenômeno que interesse aos objetivos do projeto, necessariamente teremos que elaborar um questionário ou, no mínimo, seguir algum roteiro que nos possibilite dirigir a conversa para elementos pontuais.

Por fim, ressaltamos que no quadro das consoantes aqui levantado, certamente não figura todas as variações merecedoras de destaque, perceptíveis no falar cuiabano, mas, sem dúvida, é um esboço capaz de nos apresentar mais uma parte do aspecto fonético-fonológico desse falar local e, por extensão, do português falado/popular no/do Brasil. Antecipadamente, podemos dizer que, no geral, as consoantes do falar cuiabano não

³ Instrumento musical, artesanal, semelhante ao alaúde, que acompanha os versos de manifestações culturais (canto e dança) típicas da região, como o Cururu (exclusivo para homens) e o Siriri (comungado entre homens e mulheres).

apresentam um grande número de disparidades em relação ao português falado em outras regiões brasileiras e européias.

Tal qual agimos na descrição das vogais, também neste exame, como não poderia deixar de ser, fizemos correlações e alusões a alguns autores que trabalharam e/ou trabalham com a descrição do português, seja do Brasil, seja de Portugal ou de outros países e comunidades lusófonos.

1. As oclusivas surdas /p/, /t/, /k/ e sonoras /b/, /d/, /g/.

Das consoantes oclusivas (/p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/) apenas a bilabial sonora /b/ apresenta alterações em sua pronúncia. a) Em alguns vocábulos é possível registrar a alternância de /b/ com a fricativa labiodental também sonora /v/, como ocorre, por exemplo, em [l~~a~~v~~a~~ 'rɛd] *lavareda* por *labareda*. b) No vocábulo *também*, ao lado de ocorrências em que não se registra nenhuma modificação dessa consoante [t̃ɛ 'bẽj], que via de regra é a forma mais freqüente, pode ocorrer casos em que o /b/, por dissimilação, sofra síncope, cedendo lugar à nasal, também sonora, /m/, conservando ou não o ditongo final [t̃ɛ 'mẽj], [t̃ɛ 'mẽ].

Não se trata de fenômenos exclusivos do falar cuiabano. Eles podem ser registrados tanto em outras regiões brasileiras, quanto em falares do além-mar. A variação observada em vocábulos como *vassoura/bassoura* e *assovio/assobio* está inclusive dicionarizada. Essa alternância *b/v*, bem como a síncope do *b* no vocábulo *também* são da mesma forma fatos observados por Cruz (1991: 73) no falar da aldeia de Odeleite, no sul de Portugal. A pesquisadora noticia ainda que a troca de *b* por *v*, com caráter não sistemático, é registrada em muitos falares portugueses.

Quanto às alveolares ou dentais /t/ e /d/, em posição intervocálica, diferentemente de outras regiões brasileiras que tendem para uma realização africada, principalmente quando estão compondo sílaba com /i/, apresentam-se no falar cuiabano com articulação

predominantemente oclusiva, sem o traço fricativo final. Dentre outros exemplos: ['sɛtɪ] *sete*, [pa 'rɛ̃tɪ] *parente*, ['mũjtɨ] *muito*, ['frɛ̃tɪ] *frente*, ['dɪa] *dia*, [dɪ 'vĩnu] *divino*, [vɛɹ 'dadi] *verdade*, [bibi 'dɪsɪ] *bebedice*.

Essas realizações só não conseguiram uma frequência de cem por cento das ocorrências por conta do registro de ['sɪtʃu] *sítio*, realizado por um informante descendente de nordestinos. Os avós são baianos.

Quanto às consoantes velares /k/ e /g/, não registramos em todo o *corpus* transcrito nenhuma particularidade capaz de distinguir cada uma dessas consoantes da pronúncia comum aos falantes do português de uma maneira geral. Dentre outros exemplos temos: [kuru 'ru] *cururu*, [pu 'kɛ] *porque*, [iʃka 'pava] *escapava*, [gɜ̃ 'za] *ganzá*, [kũ 'migu] *comigo*, [kɜ̃ 'gɔti] *cangote*.

2. Nasais /m/, /n/, /ɲ/.

Das consoantes nasais (/m/, /n/, /ɲ/) apresentam alterações relevantes a bilabial /m/ e a palatal /ɲ/.

A primeira, como é comum no português falado em geral, frequentemente deixa de ser realizada em vocábulos como *uma*, *alguma* e *numa*, restando da consoante apenas a nasalação da vogal /u/. Dentre muitas ocorrências: ['ũa] *uma*, [aɹ 'gũa] *alguma*, ['nũa] *numa*. Com esse mesmo comportamento Penha (1997:183-187) registra essa consoante na linguagem rural de São Domingos, sul de Minas Gerais.

A segunda, também como é comum no português falado, pode apresentar-se despalatalizada ou iotizada, como vemos no vocábulo *minha(s)*, com *i* oral ['mɪa] *mia* por

minha, dentre outras ocorrências, ou com *i* nasalado [ˈmĩa] *mĩa* por *minha*. Além desse vocábulo registramos outros em que o fenômeno se repete: [iʃtoˈrĩa] *historinha*, [ˈtĩa] *tinha*, [sĩˈo] *senhor*, [sĩˈoɫ] *senhora*, [xedõˈdĩ] *redondinho*, [paˈdĩu] *padrinho*, [igwaˈzĩ] *igualzinho*, [fɛʃˈtĩa] *festinha*. A forma inalterada também foi ouvida: [ˈtĩna] *tinha*, [ˈmĩna] *minha*, [igwaˈzĩɲ] *igualzinho*, [sĩˈno] *senhor*, [sĩˈnoɾa] *senhora*.

Quanto à alveolar /n/ em todo o *corpus* analisado houve apenas um caso, esporádico, em que essa consoante, em posição intervocálica, deixa de ser pronunciada. Pelo menos é o que fica constatado em [fiˈĩ] *fininho*.

3. Fricativas surdas /f/, /s/ e sonoras /v/, /z/.

Quanto às consoantes fricativas /f/ e /v/, não registramos em todo o *corpus* transcrito nenhuma particularidade que possa alterar a pronúncia normal de cada uma dessas consoantes. Dentre outros exemplos temos: [ˈfrẽti] *frente*, [ˈfɛʃta] *feira*, [fiˈliʃ] *feliz*; [livraˈmẽtu] *livramento*, [viˈoɫa] *viola*, [fiˈkaʋ] *ficava*, etc. Porém, vale retomar a informação já dada ao tratarmos da oclusiva bilabial sonora /b/, quando ressaltamos a alternância b/v.

No falar cuiabano, as alterações relevantes, nesse grupo de fricativas, ficam por conta das alveolares surda /s/ e sonora /z/. Trata-se da mudança do ponto de articulação, em que de alveolar /s/ passa a pré-palatal /ʃ/, principalmente quando se encontra em final de vocábulo: [ˈdoʃ] *dois*, [ˈmaʃ] *mas*, [ˈeliʃ] *eles*, [ˈtreʃ] *três*, [ˈkẽtuʃ] *quantos*; [ˈveʃ] *vez*, [ˈdiʃ] *diz*, [ˈfaʃ] *faz*, [ˈdɛʃ] *dez*, etc.

A alteração /s/ > /ʃ/ ainda pode ocorrer em outros contextos, como em travamento de sílaba, no interior do vocábulo: [ˈmɛʃtri] *mestre*, [ˈfɛʃtaʃ] *festas*, [diʃkũˈfiw] *desconfio*, [diʃtẽˈtĩ] *distantinho*, [afaʃˈta] *afastar*, [ˈraʃga] *rasga*.

Também é possível notar essa mesma alteração fora desses dois ambientes fonéticos, como, por exemplo, em posição intervocálica: [naˈʃid] *nascido*, [padeˈʃẽnu] *padecendo*, [piˈʃiz] *preciso*, [paˈʃja] *passar*, [ˈmoʃu] *moço*; em início de vocábulo: [ʃĩˈo] *senhor* e [ˈʃa] *sua*, [ˈʃɛɫtu] *certo*; e, ainda, em início de sílaba, quando precede uma retroflexa: [divɛɫˈʃw] *diversão*, [kũvɛɫˈʃnu] *conversando*.

Foi registrado, ainda, um único caso em que fricativa surda /s/ passa a retroflexa: [ˈmɛɫma] *merma* por *mesma*.

Isso, no entanto, não quer dizer que não haja o fonema /s/ no quadro das consoantes do falar cuiabano. Ao lado das formas acima coexistem, às vezes em um mesmo falante, as realizações: [ˈdoʃ] *dois*, [ˈfɛʃta] *feira*, [ˈmoʃu] *moço*, [ˈsɛɫtu] *certo*, [divɛɫˈsõ] *diversão*; [ˈvɛs] *vez*, etc.

A “pronúncia chiente de s e z implosivos” (posição final de sílaba), resultando, respectivamente, /ʃ/ e /ʒ/, segundo Teyssier (1997: 54), é normal no português europeu. Trata-se do mesmo fenômeno observado no litoral brasileiro (Rio de Janeiro, Santos, nordeste como um todo e, ainda, Pará), que muitos lingüistas acreditam ser herança da variante européia trazida pela família real e cerca de 15 mil patrícios que a acompanhava (início do século XIX). Esse fato histórico certamente colaborou para a fixação de /ʃ/ e /ʒ/ implosivos na costa brasileira, mas prefiro acreditar na chegada dessas chientes, aqui no Brasil, bem antes da corte e que a presença da realeza não tenha sido a única explicação para que elas se fixassem no português brasileiro. Senão, como explicá-las tão produtivas

num dialeto tão longe do mar? Há, no entanto, duas diferenças entre a pronúncia cuiabana e a do português europeu, como podemos observar nos exemplos acima.

A primeira está no contexto: enquanto no português europeu a surda /ʃ/ só ocorre em final absoluto ou travando sílaba, diante de uma consoante surda, no falar cuiabano, por sua vez, a chiante /ʃ/ pode ocorrer nesse contexto europeu, bem como em posição intervocálica ['moʃu] *moço*, em início de sílaba [ʃĩ 'o] *senhor* e depois de retroflexa [kũvɛɹ 'ʃɛnu] *conversando*.

A segunda está na sibilante /z/: enquanto no português europeu /z/ resulta a sonora /ʒ/, no falar cuiabano a tendência é permanecer a surda /ʃ/, como fica provado em ['raʃga] *rasga*. Essa particularidade nega a primeira premissa da fonologia que diz que *os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram*. Registramos a fricativa pré-palatal sonora /ʒ/ apenas em uma das realizações do vocábulo *várzea*: ['vaʒa], mas em contexto diferente do descrito por Teyssier (1997: 54) para o português europeu. Em outras duas realizações desse vocábulo temos no lugar da fricativa /ʒ/ a africada /dʒ/: ['vadʒa]. Em mais outras duas ocorrências, o mesmo vocábulo está pronunciando normalmente com /z/: ['vazja], sendo esta segunda ocorrência realizada pelo mesmo falante, na seqüência de ['vaʒa].

4. Fricativas /ʃ/ e /ʒ/, e africadas /tʃ/ e /dʒ/.

As consoantes fricativas pré-palatais surda /ʃ/ e sonora /ʒ/, no falar cuiabano, comumente são pronunciadas, respectivamente, como africadas surda /tʃ/ e sonora /dʒ/⁽⁴⁾: [tʃe 'ga] *chegar*, ['tʃa] *chá*, ['batʃu] *baixo*, ['kotʃu] *cocho*, [mitʃiri 'keru]

⁴ Sobre o tema há o criterioso trabalho sob a ótica sociolingüística da colega Maria Luíza Canavarros Palma, intitulado *Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolingüístico*, publicado em 1984.

mexeriqueiro, [ˈputʃa] *puxa*, [ˈpetʃi] *peixe*, [deˈtʃava] *deixava*, [tʃuvaˈrada] *chuvarada*; [ˈlõdʒi] *longe*, [ˈdʒêti] *gente*, [ˈdʒa] *já*, [roˈdadʒi] *rodagem*, [aˈdʒuda] *ajuda*, [ˈodʒi] *hoje*, [ĩˈdʒêjnu] *engenho*, [ˈdʒũtu] *junto*, [ˈdʒõ] *João*, [trẽpulĩˈnadʒi] *trampolinagem*.

As realizações dessas africadas (/tʃ/, /dʒ/) no lugar das fricativas (/ʃ/, /ʒ/) são mais frequentes na fala dos menos estudados, independente até de faixa etária. Na conversa sobre festa de santo, um garoto de 14 anos, que participava da entrevista com seu pai, disse: “vem e [dʒ]ente da [tʃ]ácara, de Cuiabá, até do Rio de [dʒ]aneiro”.

Já aqueles que possuem maior grau de formação escolar, mantêm contato com variantes lingüísticas díspares da cuiabana e, principalmente, com menos de 40 anos de idade, em média, somente recorrem a tais fonemas em contextos bem específicos, envolvendo familiares, amigos, colegas ou em manifestações culturais. Um exemplo foi o que ocorreu durante um almoço entre amigos e colegas de trabalho e de profissão (no total havia sete comensais, dentre eles (nós) três cuiabanos com curso superior, sendo dois deles doutores e professores universitários). A conversa girava em torno do trabalho e, de vez em vez, da peixada que estávamos degustando. Foi num desses de vez em vez que um dos professores cuiabanos, relaxou e, de propósito, exclamou: “que *petchada* saboroso”. Foi o suficiente para que os demais cuiabanos e quase-cuiabanos entrassem no clima chapa-e-cruzense.

Há, no entanto, quem, a todo custo, policiando-se ao extremo, tente dissimular esses traços. Foi o que ocorreu uma das entrevistadas. Por cultivar um preconceito estigmatizante da variante local, muitas vezes comum até na escola, a entrevistada não concordou em dizer que os cuiabanos “de primeira” utilizem /tʃ/ e /dʒ/. Quando, em determinado momento, foi mencionado que ela não deixa transparecer os traços característicos do falar cuiabano, expressando certo orgulho, disse:

“(...) pois é, todo mundo diz assim mesmo: que eu não pareço ser cuiabana mas eu sou cuiabana! Mas os cuiabanos mesmo... porque você sabe que o cuiabano que é de primeira... vou dizer assim que é discurso muitos tempo... falam direito. Agora os que não fala são muita gente que vinha assim... porque veio muita gente toda parte aqui pra Cuiabá. Então ficou... por exemplo Livramento, papa banana né? Ali que eles falam... a gente conhece logo que é papa banana... bem carregado! Pessoal de Livramento, Várzea Grande mesmo já tem uma porção de coisinha esquisita... depois vem vindo os outros que são até os caipira que vem lá do sítio, de toda parte. Porque eu me lembro de minha turma, a turma de Ieda, era turma de gente que todos falavam direitinho, não tinha nada de, de ‘tchá’, de ‘tchu’, né?”

E assim foi. Depois de vinte minutos de gravação a entrevistada esqueceu-se do gravador e deixou escapar “uma porção de coisinha esquisita”. Dela ouvimos: “(...) a de hoje então... já compretô de ontem de ho[dʒ]e (...)” e “(...) devia ter um certo estudo pra [tʃ]egar ser polícia (...)”.

O fato de as africadas serem tão comuns em todo o Vale Cuiabano, não quer dizer que as fricativas tenham sido totalmente apagadas do paradigma das consoantes dessa variante portuguesa. Registramos na fala até de um mesmo informante a coexistência das duas formas, num mesmo vocábulo, como, por exemplo: *chegar* [ʃe'ga] ao lado de [tʃe'ga], *deixa* ['deʃa] ao lado de ['detʃa], e *gente* ['ʒēti] ao lado de ['dʒēti]. Dos exemplos acima, com africada, encontramos em todo o *corpus* transcrito as seguintes formas com fricativa: ['baʃi] *baixo*, [pu'ʃa] *puxar*, ['deʃa] *deixa*, [ʃu'via] *chuvia*; ['lõʒi] *longe*, ['ʒa] *já*, e ['õʒi] *hoje*.

As africadas /tʃ/ e /dʒ/ no lugar das fricativas /ʃ/ e /ʒ/ que pareciam exclusivas do falar cuiabano, também já foram ouvidas pelos colegas do projeto em terras paulistas. O que não é de se admirar. Amaral (1976: 48) já as havia registrado no início do século passado. No

mínimo, trata-se de um traço remanescente daquele “Dialeto Caipira” descrito por ele. A história da Língua Portuguesa também registra essas africadas em território português. Especialmente “em grande parte das províncias do Norte” (Teyssier, 1997: 53).

5. Laterais /l/, /ʎ/.

Só não percebemos algum tipo alteração da consoante lateral alveolar /l/ em posição inicial de sílaba: [ˈladu] *lado* e [ˈeli] *ele*, [ˈlêbru] *lembro* e [fɛ̃ˈmilja] *família*, [livraˈmêtu] *livramento* e [pɛ̃ˈnela] *panela*, etc.

Nos grupos consonantais /pl/, /bl/, /tl/, /kl/, /gl/, em todo o *corpus* transcrito, em todas as ocorrências da alveolar ocorre rotacismo, outro fenômeno facilmente observado em outras regiões brasileira: [kõpreˈtej] *compretei* por *completei*, [kũpreˈto] *compretou* por *completou*, [texasprɛ̃jˈnaʒi] *terraprangement* por *terraplanagem*, [ˈdupra] *dupra* por *dupla*, [ˈsĩpri] *simpres* por *simples*, [kũprikaˈsɛ̃] *compricação* por *complicação*, [ˈprɛ̃ta] *pranta* por *planta*, [prɛ̃ˈto] *prantou* por *plantou*, [asẽˈbrɛja] *assembléia* por *assembléia*, [aˈtrɛta] *atreta* por *atleta*, [krariˈo] *crareou* por *clareou*, [ˈkrubi] *crube* por *clube*, [ĩkruˈziv] *incrusive* por *inclusive*, [ˈgrɛba] *greba* por *gleba*, etc.

No fim de sílaba travada, no interior ou final de vocábulo, a tendência é pela realização da retroflexa /ʎ/: [iˈgwaʎ] *igual*, [soʎˈtêmu] *soltemos*, [aʎˈgũa] *alguma*, [siˈnaʎ] *senal*, [ˈmaʎ] *mal*, [ˈtaʎ] *tal*, [pĩsipajaˈmêti] *principalmente*, [fiʎˈma] *filmar*, [fiʎmaˈmêtu] *filmamento*, [aʎguduˈĩ] *algodoim*, [pesoˈaʎ] *pessoal*, [soʎˈtav] *soltava*, [aʎˈmosu] *almoço*, [aʎˈtur] *altura*, [puʎˈdĩu] *poldrinho*, [saʎvaˈdo] *salvador*, etc.

Nesse mesmo contexto o mais comum, no português brasileiro, é ocorrer a iotização da alveolar /l/, como esporadicamente também registramos no falar cuiabano: [ku'xaw] *curral* e [manu'aw] *manual*.

Ainda notamos, nesse contexto, a supressão dessa alveolar: [pesu'a] *peçoal*, [a'fredu] *alfredo*, [i'gwa] *igual*, [igwa'ziŋ] *igualzinho*, [peso'a] *peçoal*, [ku'xa] *curral*, ['fasi] *fácil*, [di'fisi] *difícil*, [ãni'ma] *animal*, [pu'trĩ] *poldrinho*.

A alteração que a consoante lateral palatal /ʎ/ apresenta no português falado na Baixada não é diferente da observada no português popular do Brasil em geral, com tendência à iotização ou despatalização [ʎ] > [j] ou [i]: [oj'ẽnu] *olhando*, [trba'ja] *trabalhar*, [mara'via] *maravilha*, ['vɛj] *velho*, [traba'java] *trabalhava*, [mu'jɛ] *mulher*, [mo'jadu] *molhado*.

Muitas, porém, são as ocorrências em que a lateral /ʎ/ não sofre alteração: [xiku'ʎia] *recolhia*, [tra'baʎu] *trabalho*, [mara'viʎa] *maravilha*, ['fiʎu] *filho*, ['miʎu] *milho*, [mo'ʎadu] *molhado*.

6. Consoantes representadas por <r> e <rr>

Neste item vamos incluir todas as consoantes que são representadas pelos grafemas <r> e <rr>, ou seja, a vibrante (múltipla) alveolar /r/, a *tap* (vibrante simples) alveolar /r/, a fricativa velar /x/ e a retroflexa /ʀ/.

O grafema <r> em posição intervocálica ou seguindo consoante na mesma sílaba tem como tendência ser pronunciado como *tap*, ou vibrante simples: ['ɔra] *hora*, [se'tẽbru]

setembro, ['ɛra] *era*, [kate 'draw] *catedral*, ['foɾa] *fora*, ['sẽpri] *sempre*, [brĩka 'deɾa] *brincadeira*, [siri 'ri] *siriri*, ['frẽti] *frente*, etc.

No entanto pode ocorrer síncope desse fonema principalmente quando o par consoante mais <r> encontra-se em sílaba átona, como observamos em ['ota] *outra* e ['otu] *outro*, [kũ 'padi] *compadre*, dentre outras ocorrências.

Quando temos <r> em início de vocábulo, ou <rr> em posição intervocálica a tendência geral no falar cuiabano é pronunciá-los como vibrante (múltipla): [rapazi 'ada] *rapaziada*, ['rẽmu] *ramo*, [riuni 'õ] *reunião*, ['rɔsa] *roça*, ['redi] *rede*, [raʃ 'ga] *rasgar*, [ra 'paʃ] *rapaz*, [ko 're] *correr*, [gi 'tara] *guitarra*, [e 'rada] *errada*, [ka 'rɔsa] *carroça*, ['buru] *burro*, [ku 'ra] *curral*, etc.

Em qualquer um dos ambientes destacados acima pode ocorrer também a realização da fricativa velar. As formas /r/ e /x/ podem coexistir até mesmo em um mesmo falante e mesmo vocábulo. Dentre outras ocorrências: [xapazi 'ada] *rapaziada*, ['xɔsa] *roça*, [ku 'xa] *curral*, [ka 'xɔsa] *carroça*, ['buxu] *burro*, [xe 'dõna] *redona*, [xaj 'ga] *rasgar*, etc.

Quando temos <r> em final de sílaba, no interior de vocábulo, a tendência é para a realização da retroflexa, como se pode observar no chamado dialeto caipira brasileiro: [laɹ 'gej] *larguei*, [pɔɹ 'ʃẽw] *porção*, ['pɛɹtu] *perto*, ['kuɹva] *curva*, ['pɔɹtu] *porto*, [diskuɹtĩ 'na] *descortinar*, [kaɹpĩta 'ria] *carpintaria*, [puɹ 'ke] *porque*, etc. Há ainda, nesse mesmo contexto fonético, casos em que ocorre síncope dessa consoante: [pu 'ke] *porque*, [diʃkutĩ 'na] *descortinar*.

A retroflexa, embora com pouco freqüência, também pode ocorrer em posição intervocálica: [a 'gɔɻa] *agora*, ['fɔɻa] *fora*, ['nɔɻa] *nora*.

Quando temos <r> em final de vocábulo, a tendência é para a supressão da consoante: [fa 'ze] *fazer*, [ka 'za] *casar*, [ki 'ze] *quiser*, [pra 'ze] *prazer*, [mu 'ʎe] *mulher*, [gra 'va] *gravar*, [mu 'e] *moer*, etc. A freqüência desse fenômeno não chega a atingir cem por cento das ocorrências. Dependendo da velocidade com que se fala, se mais lenta, surge nesse contexto a retroflexa: [lu 'gaɻ] *lugar*, [toria 'doɻ] *touriador*, [sĩ 'noɻ] *senhor*, [ĩkõ 'traɻ] *encontrar*, [fa 'laɻ] *falar*, [kẽ 'taɻ] *cantar*.

Ainda é possível registrar, esporadicamente, a iotização da vibrante travando sílaba: [siw'visu] *serviço*.

7. Fenômenos gerais

Dos fenômenos gerais interessa destacar algumas ocorrências mais relevantes.

a) Acréscimo de fonema no início de vocábulo, ou prótese: [a 'lêbru] *alembro* por *lembro*; [alê 'bra] *alembra* por *lembra*.

b) Acréscimo de fonema do final de vocábulo, ou paragoge: ['vezɨ] *veze* por *vez*, ['mezɨ] *mese* por *mês*, etc.

c) Supressão de fonema no início de vocábulo, ou aférese: [rẽ 'kẽnu] *rancando* por *arrancando*, [xaʃ 'tẽmu] *rastemos* por *arrastemos*, [sẽ 'dẽmu] *cendemos* por *acendemos*, ['miɻdi] *milde* por *humilde*, [trave 'sa] *travessar* por *atravessar*, etc.

d) Supressão de fonema no interior de vocábulo, ou síncope: [tẽti 'ẽnu] *tenteano* por *tenteando*, e demais ocorrências do gerúndio, ['mẽma] *mesma* por *mesma*, [pi 'ʃiz] *preciso*, [a 'fredu] *alfredo*, etc.

e) Supressão de fonema(s) no final de vocábulo, ou apócope: [raʃ'ga] *rasgar*, [ko're] *correr*, [i'gwa] *igual*, [ku'xa] *curral*, etc.

f) Transposição de fonemas, ou metátese: [tremi'na] *treminar* por *terminar*, além dos fenômenos já destacados no estudo sobre as vogais, que envolve a transmutação de fonemas, como a redução de ditongos. Nas consoantes destacamos:

f.1) A palatalização do /s/ em diversos contextos: travando sílaba ['mɛʃtri] *mestre*, ['fɛʃtaʃ] *festas*, [diʃkũ'fiw] *desconfio*, [afaʃ'ta] *afastar*, ['raʃga] *rasga*; em início ou final de vocábulo [ʃĩ'o] *senhor*, ['ʃa] *sua*, ['ʃɛtu] *certo* e [de'poʃ] *depois*; em início de sílaba, [divɛɹ'ʃɛw] *diversão*, [kũvɛɹ'ʃɛnu] *conversando*; e em posição intervocálica [na'ʃid] *nascido*, [pade'ʃɛnu] *padecendo*, [pa'ʃja] *passar*, ['moʃu] *moço*.

f.2) E, pelo alto número de ocorrência e por serem bem característicos no falar cuiabano, embora não sejam exclusivos dessa região, merecem destaque os fenômenos da africatação de /ʃ/ e /z/: ['putʃa] *puxa*, ['petʃi] *peixe*, [de'tʃava] *deixava*, [tʃuva'rada] *chuvarada* ['lõdʒi] *longe*, ['dʒɛti] *gente*, ['dʒa] *já*, [ro'dadʒi] *rodagem* e do rotacismo, tanto com a vibrante simples /r/: ['dupra] *dupla*, [asẽ'brɛja] *assembléia*, [a'trɛta] *atleta*, ['krubi] *clube*, ['grɛba] *gleba*, quanto com a retroflexa /ɹ/: [sɔɹ'tẽmu] *soltemos*, [aɹ'mosu] *almoço*, [aɹ'tur] *altura*, [si'naɹ] *senal*, ['maɹ] *mal*, [saɹva'do] *salvador*, dentre muitos outros exemplos

Para encerrar, vou repetir o final do texto sobre as vogais, dando algumas informações geográficas e históricas sobre a região estudada. O Vale do Cuiabá, ou Baixada Cuiabana, compreende toda a região ribeirinha, cujo alcance geográfico inclui a capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, municípios e vilarejos adjacentes que devem sua origem ao rio Cuiabá e seus afluentes.

As águas destes rios foram utilizadas, principalmente, pelos monçoeiros (que se utilizam de caminhos fluviais) e bandeirantes paulistas, no século XVIII, como principal caminho de acesso, primeiramente, às aldeias indígenas (minas de escravos) e, depois, às minas auríferas dessa região.

Essas expedições mercantis foram responsáveis pela expansão do território brasileiro rumo ao oeste e fizeram com que os paulistas pisassem terras mato-grossenses. Terras que só foram consideradas importantes depois da descoberta do ouro abundante.⁵ A partir de então, de todos os recantos do Brasil, mormente de São Paulo, partiram rumo ao *Cuyabá* “caipiras, crioulos, caboclos, sertanejos e sulinos” (Ribeiro, 1995: 269-444). A maioria percorrendo caminhos essencialmente fluviais, com início no rio Anhembi (Tietê) e fim no rio Cuiabá.

Na rota destas expedições foram surgindo, com as minas de ouro, muitos vilarejos, que com o fim do ciclo da mineração e abolição da escravatura, insulados, permaneceram com suas características, passando de pai para filho: os costumes, as manifestações culturais e religiosas e, conseqüentemente, a variante lingüística de então, ou pelo menos alguns dos traços daquela variante antiga. Provar a sobrevivência desses traços é o objetivo do projeto Filologia Bandeirante, que, por extensão, apresentará um seletto material, seja da modalidade escrita, seja da falada, que certamente trará contribuições à lingüística histórica e a dialetologia.

⁵ As bandeiras paulistas foram organizadas, no início, com a finalidade de caçar índios para serem vendidos como mão-de-obra escrava. Esta atividade se justificou porque em São Paulo, antiga Capitania de São Vicente, a produção de cana-de-açúcar, principal fonte de riqueza para a coroa portuguesa antes da mineração, não teve os êxitos alcançados no nordeste brasileiro. Então os são-vicentinos migraram do litoral para o planalto e se empenharam na atividade bandeirante. Em 1719, a Bandeira comandada por Pascoal Moreira Cabral, acidentalmente, encontrou ouro nas margens e barrancas do rio Coxipó, afluente do Cuiabá, e logo lavrou uma ata de fundação para garantir o direito de posse. Cf. Siqueira / Costa / Carvalho (1990: 11-13) e Holanda (1990: 43-73).

Referências bibliográficas

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: HUCITEC-SCET-CEC. 1976.
- COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça et alii. Filologia bandeirante. Em: *Filologia e lingüística portuguesa*, n. ° 1 (Fevereiro). 1997, p. 79-94.
- CRUZ, Maria Luisa Segura da. *O falar de Odeleite*. Lisboa: INIC/CLUL. 1991.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo: Brasiliense. 1990.
- NUNES, José Joaquim. Dialectos algarvios. Em: *Revista Lusitana*, n. ° VII. 1902, p. 33-55.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro – a formação e sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- SILVA, B. Lopes da. *Dialecto crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Imprensa Nacional. 1957.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. As vogais do português falado no Vale do Cuiabá. Em: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *Português no Brasil: Estudos Fonéticos e Fonológicos*. Londrina: UEL. 1999, p. 109-124.
- SILVA NETO, Serafim da: *A língua portuguesa no Brasil*, Lisboa. 1960.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira et alii. *O processo histórico de Mato Grosso*. Cuiabá: Guaicurus. 1990.
- VASCONCELOS, José Leite de. Dialectos algarvios. Em: *Revista Lusitana*, n.º IV. 1901, p. 324-338.
- _____. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris: Aillaud e Cie. 1901.
- _____. *Filologia barranquenha – apontamentos para o seu estudo*, Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda. 1955.